

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS - FALE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

AUTORA: SARAH MANUELLE MUNIZ DOS SANTOS

**O PAPEL DA COMBINAÇÃO NO APARECIMENTO DE RASURAS NA
ESCRITA COLABORATIVA.**

**Maceió,
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS - FALE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

SARAH MANUELLE MUNIZ DOS SANTOS

**O PAPEL DA COMBINAÇÃO NO APARECIMENTO DE RASURAS NA
ESCRITA COLABORATIVA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador/a: Sônia Cristina Felipeto

Maceió, novembro de 2021.



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: Sarah Manuelle Muniz dos Santos
MATRÍCULA: 17110487
TÍTULO DO TCC: O PAPEL DA COMBINAÇÃO NO APARECIMENTO DE RASURAS NA ESCRITA COLABORATIVA

Ao(s) dezesseis dia(s) do mês de dezembro do ano de 2021, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Cristina Felipeto

1º Prof./a Examin./a: Adna de Almeida Lopes

2º Prof./a Examin./a: Eduardo Calil de Oliveira

que julgou o trabalho () APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 9,0 (Nove)

1º Prof./a Examin./a: 8,0 (Oito)

2º Prof./a Examin./a: 9,0 (Nove)

totalizando, assim a média 8,7 (Oito vírgula sete),

e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 16 de dezembro de 2021.

Prof./a Orientador/a:

1º Prof./a Examin./a:

2º Prof./a Examin./a:

VISTO DA COORDENAÇÃO

O PAPEL DA COMBINAÇÃO NO APARECIMENTO DE RASURAS NA ESCRITA COLABORATIVA.

Sarah Manuelle Muniz dos Santos
email: sramuniz09@gmail.com
Orientadora: Sônia Cristina
Felipeto
email: cristinafelipeto@fale.ufal.br

RESUMO

Sob o a teoria proposta pela Genética textual, esta pesquisa visou observar o papel da etapa de combinação no aparecimento de rasuras na escrita colaborativa através da perspectiva enunciativa. A escrita colaborativa é uma situação que propõe à díade produzir um texto a partir do diálogo, dessa forma, este estudo possuiu objetivo de investigar, de forma comparativa e quali-quantitativa, se existe uma diferença significativa entre o número de rasuras orais e escritas feitas quando a díade combinou o conteúdo e quando não houve tal combinação, através da hipótese que nos dados em que a díade cumpre a etapa de combinação o aparecimento de rasuras é maior. Os dados utilizados foram selecionados do banco de dados de Práticas de Textualização na Escola – PTE, coletados pelo Sistema Ramos e posteriormente transcritos. Tratou-se de uma dupla do 1º ano do ensino fundamental que produziu textos colaborativos durante o desenvolvimento de um projeto didático desenvolvido em uma escola particular de Maceió-AL.

PALAVRAS-CHAVES: Escrita colaborativa, rasura, combinação.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetivou analisar o papel da combinação ao comparar as rasuras existentes em dois processos de escrita colaborativa de uma única dupla, nos quais em um processo a díade realiza a combinação (*planning*) e no outro decide por escrever sem combinar. O estudo se deu a partir da seleção de dados em que fosse possível perceber a presença da etapa de combinação e outro em que a ausência dessa etapa ocorresse. Em seguida, buscou-se quantificar as rasuras durante toda a fase de formulação e redação dos dois textos, comparar o número encontrado e assim, constatar ou descartar a hipótese de uma

possível relação entre a combinação e o maior/menor número de rasuras existentes nesse processo.

A pesquisa quali-quantitativa apresentada pertence ao campo linguístico da Genética Textual ao analisar a escrita produzida pelos alunos a partir do processo *em ato*, o papel da combinação e as rasuras oral e escrita. Assim, é importante elucidar esses conceitos fundamentais de maneira introdutória. Serão apresentados os conceitos e a relação existente entre escrita colaborativa e rasura (oral e escrita), em seguida, a metodologia adotada, os resultados obtidos e a discussão oriunda desses.

2 DESENVOLVIMENTO.

Escrever consiste na organização dos processos cognitivos, implica em passar esses processos mentais para a significação linguística por meio da língua, assim, um texto é um trabalho linguístico que resulta de incalculáveis processos cognitivos invisíveis ao leitor. Todavia, os estudos na área de Genética textual objetivam conhecer a gênese da criação textual, através da análise de processos de textos pertencentes a diversos gêneros na tentativa de elucidar os aspectos ocultos no produto por meio do que é deixado pelo escrevente a respeito de seu texto.

Em uma escrita individual, a pesquisa genética ocorre pelos rascunhos manuscritos das grandes obras, pois "existe uma relação a ser estabelecida entre o prototexto, que se trata do próprio rascunho que exerce a função de esboço, e o texto" (GRESILLON, 1994, p. 24). Entretanto, o acesso ao que foi registrado no processo de escrita restringe-se, majoritariamente, aos manuscritos encontrados pós-morte do escritor, alguns demonstram ser até mesmo intencionais, produzidos com o intuito de uma leitura restrita ao olhar do autor sobre sua obra, ainda que metalinguísticos, podem não revelar a gênese do texto, mas, o que seu criador pretendia que fosse conhecido a respeito dela.

Para a Genética Textual, o rascunho muitas vezes é o único vestígio que pode dar acesso aos processos criativos-cognitivos que circundam a gênese de um produto inscrito, entretanto, o rascunho escrito é um texto, um gênero à parte que pode não demonstrar os processos que resultaram na obra que poderiam interessar à pesquisa em Gênese textual. Quando um rascunho é produzido com a preocupação por parte do autor sobre um estudo desse rascunho, a espontaneidade esperada na produção acaba se perdendo. Ainda que existam rasuras nesse manuscrito, não se pode perceber se houve o intuito de ocultar algum processo ou a intenção consciente de colocar alguma informação para que viesse a ser conhecida pelo leitor. O autor acaba por destacar o que é de seu interesse e não todos os processos que o levaram àquela produção. Ao pensar no rascunho como um gênero textual

que visa propositalmente a leitura é possível questionar a intenção de sua produção, assim, a consequência inevitável é a ideia de perda de vestígios *in natura* da produção, pois, existe a hipótese de uma escolha sobre o que revelar, diferentemente da forma como o rascunho se apresenta em uma escrita colaborativa na qual os coprodutores não têm alternativa senão revelar suas ideias, opiniões e desacordos.

Hayes e Flowers afirmam que “a melhor maneira de modelar o processo de escrita é estudar um escritor em ação” (2016, p. 44), entretanto, os protocolos de análise de pensamentos em voz alta são capazes de demonstrar o que está se passando na mente do escritor durante o processo de escrita. Assim, a escrita colaborativa leva o "rascunho" tradicional (as ideias que esboçam o produto final.), a um nível de percepção bem maior já que obriga que os processos cognitivos sejam expressos por meio da oralidade. A escrita colaborativa se caracteriza pela união de dois escreventes que se propõem a produzir em conjunto um único texto. Apesar de uma escrita individual deixar traços de seu processo de construção em um rascunho, pelas rasuras aparentes, ainda é restrito ao único escrevente o conhecimento sobre a construção.

Tal conhecimento é limitado se comparado a uma situação dialogal na qual as decisões sobre a construção do texto passam obrigatoriamente a circular pela oralidade o que permite o conhecimento quase totalitário do processo constitutivo. Assim, Felipeto (2019) destaca que tal atividade proporciona observar a escrita nascer da oralidade e também a oralidade germinar a escrita, pelo fato da escrita em colaboração exigir confronto de ideias, argumentação, exposição de ideias, e, principalmente, uma reflexão sobre o está sendo escrito. O caráter dialogal da escrita colaborativa, que propicia os pontos de tensão, parte de um diálogo no qual ambos os participantes devem assumir a posição de enunciador e ouvinte de maneira alternada.

A existência dessa variação de posição está diretamente relacionada ao acontecimento dos momentos de tensão por exigirem maior argumentação para que suas ideias sejam incorporadas à narrativa que se cria ali. Ao refletirem sobre como se expressar, a atividade de gênese textual pode adquirir um valor de aprendizagem significativamente maior do que em casos de escrita individual.

Nesse tipo de escrita, existem etapas inerentes ao processo: a combinação, a revisão e a redação, e, em cada etapa cada componente tem uma função implícita ao papel que ocupa, o responsável pela escrita durante a redação, geralmente, também assume a responsabilidade sobre a aceitação ou não das ideias sugeridas, em contrapartida, ao outro é dada a missão de ler e revisar o que foi produzido durante o processo. Mas, na fase de combinação, onde não há

ainda uma definição da função que exercerão durante a escrita, os dois sugerem seus temas e enredos, descartam ou aceitam as ideias e acordam um esboço para o texto.

Nessa etapa, a geração de ideias típica do exercício da escrita acontece, mas por ocorrer em condições de escrita colaborativa garante que essas ideias sejam negociadas, aceitas ou não, e, que provavelmente sejam retomadas durante a escrita e ao fazerem a revisão (final ou o chamado retorno ao texto para leitura de um trecho). Dessa forma, o participante que não detém a caneta adquire a função de reafirmar o combinado, lembrar o que acertaram a respeito do que colocariam na narrativa que constroem. Assim como a dupla pode optar por escrever diretamente sem realizar a etapa de *planning*, o diálogo entre os escreventes pode não ocorrer de maneira igualitária, em alguns casos um componente pode assumir a total responsabilidade pela criação e escrita enquanto o outro não se opõe ou se posiciona.

Entretanto, quando o diálogo estabelecido entre a díade é mais homogêneo, há mais espaço para esse jogo de funções. Para que o escrevente pondere sobre as ideias a serem incluídas na produção é necessário que o seu colega assuma também a função de locutor. Pesquisas como a de Apothéloz (2005) que se interessou em saber como os escreventes coordenam sua atenção e como fazem para o texto avançar por meio do diálogo apontam para um aspecto exclusivo a uma escrita colaborativa: os papéis dos sujeitos ao se revezarem em locutor e alocutário. O autor discorre a respeito da função atribuída aos sujeitos que compõe a díade, considera que a inscrição no papel visa apagar a relação de autoria por apenas um dos redatores, significa dizer que, ao passarem suas ideias para o papel, o texto é de autoria da díade, ainda que só um escreva. . A escrita colaborativa parece estabelecer funções, como também observou Apothéloz (2005), a função implícita a quem detém a caneta é a de ponderar as ideias sugeridas pelo encarregado de formulá-las.

Toda a situação dialogal que o estudo propõe à escrita colaborativa é pautada no diálogo pela perspectiva de Benveniste na qual a linguagem se realiza pela oralidade. As relações que unem o locutor e o alocutário são intersubjetivas e os sujeitos criam e estabelecem o diálogo marcado pelos sentidos produzidos pela intersubjetividade dessa relação. Por conseguinte, o contato existente entre os alunos ao objetivarem em conjunto a redação de um só texto faz eclodir inúmeras questões que em um texto individual não poderiam ser observadas, como por exemplo, neste caso: as combinações de ideias e as rasuras através da oralidade. Esse “contato” gera pontos de conflito, que desencadeiam a geração de ideias, cujo acordo imediato sobre elas é raro e para que o alcancem é necessário que a díade argumente, discuta e, principalmente, negocie os pontos de tensão, o que coloca em cena as reflexões a respeito da língua. Esses conflitos, muitas vezes, são estimulados pela

noção do texto que foi acertada na etapa de “*planning*”, em que o caminho traçado pela díade, além de guiar o trabalho de escrita, provoca a recorrente retomada, revisão e discussão dessas diretrizes.

Sobre os pontos de conflito, Kebrat-Orecchioni (1986) discorre que qualquer conversa é, na verdade, uma sucessão de “mini-incidentes” que são imediatamente contornados, e, é apenas através de um incessante trabalho de conserto desses incidentes que os participantes conseguem construir um diálogo, ou nos casos das díades, um texto mais ou menos coerente. Então, na oralidade, dentro da escrita colaborativa, a díade se depara com seus incidentes, assim, ao buscar corrigi-los exerce uma atividade metalinguística ou epilinguística (rasura) que pode ser para restaurar ou modificar as ideias combinadas. Isso ocorre, pois, toda conversação é, ainda que intrinsecamente, uma espécie de fazer retórico que anseia no mínimo se mostrar compreensível e ao máximo persuadir o outro.

Dessa forma, esses incidentes que viram pauta da conversa entre os componentes da díade são muitas vezes os motivadores de revisões ou até mesmo reformulações no texto durante sua produção. Dauite & Dalton (1992) ao analisarem 7.512 retornos de conversas nas composições colaborativas constataram que 95% dos elementos adicionados à história tinham sido assunto principal do diálogo da díade enquanto produziam juntos. Essa evidência destaca que, ao se colocarem como sujeitos, os alunos passam a alterar seu texto ao incluir o que discutiram, argumentaram, e, isto poderia ser influenciado justamente pela combinação e funções implícitas a cada um. O impasse que o confronto de opiniões traz, estabelecido pelo afastamento das ideias acordadas, é o principal dirigente desses pontos de dissonância que quase sempre resultam em algum tipo de atividade metalinguística ou epilinguística e inclusões ou modificações no texto. Em decorrência, o espaço cedido pelo produtor-enunciador estabelece uma relação diretamente proporcional ao aparecimento do desacordo entre os sujeitos, entretanto, pensar em “desacordos” a respeito do que está sendo escrito implica em subentender que há uma combinação sobre o que vem a ser proposto.

Essa combinação está presente em processos de escrita colaborativa, como os fenômenos observados por Felipeto (2019) ao apontar que as crianças traziam a tona o que tinham combinado como argumento diante de uma fuga ou para discriminarem uma mudança. Ainda que a consigna de projetos de pesquisa colaborativa em manuscritos escolares, como o de Felipeto (2019), tenha espaço para um momento de combinação a fase de redação, é intrigante observar que algumas duplas podem não realizar a etapa combinatória e pensar como tal decisão afeta a atividade metalinguística de falar sobre o que se produz, retomar o que já foi dito e rasurar por conta do que é discutido já que presença da combinação impele o

resgate dessas combinações durante a redação, de tal forma que potencializa uma situação favorável à rasura.

O fato de a escrita a dois viabilizar o acesso ao que a díade pensa ao escrever, concede a observação de fenômenos que circundam a produção de um texto, como, por exemplo, a rasura em pleno desenrolar. A rasura que revela o que está além do “erro” é um fenômeno que ressalta as lacunas que a língua tem, entretanto, é considerada um exercício autonímico por estabelecer uma reflexão do que foi escrito, um momento ímpar no qual o escrevente entra em confronto com suas próprias palavras ou ideias. Ao pensar em rasura, é comum associar às suas aparições grafadas nos manuscritos, porém, em uma redação conversacional (APOTHELOZ, 2001, 2005; GAULMYN, 2001; CAMPS, 2001), com a oralidade presente, a rasura, conceituada como um exercício de metalinguagem, se manifesta em uma situação de escrita colaborativa de formas que ultrapassam o escrito.

Calil (2017), ao coletar dados de alunos recém-alfabetizados em uma escola de viés “sócio construtivista” durante um projeto de elaboração de “Contos de como e por quê” percebeu que existia um tipo de rasura que acontecia oralmente, a “rasura oral” (CALIL, 1998; 2017). Em suas palavras:

Identificamos, com o apoio da metodologia adotada, não somente as aquelas rasuras inscritas sobre a folha de papel, mas igualmente sua relação com o que os alunos dizem em determinados pontos do processo de escritura. [...] Esses pontos de tensão identificados no fluxo dialogal indicaram operações metalinguísticas, cujo estatuto é semelhante àqueles supostos nas rasuras grafadas visíveis no produto. [...] (CALIL; 2017, p. 163).

Isto posto, sob a luz da metodologia conversacional, que ocorre espontaneamente, os escreventes no decurso do processo de gênese de um só texto, se abalroam em picos de tensão ao discutirem a respeito de suas perspectivas sobre o que redigem, tais “picos” possuem caráter equivalente às rasuras grafadas, ou seja, expressam um valor reflexivo acerca da língua em atividade. O valor reflexivo se trata do exercício de usar a língua para falar o que se pensa sobre ela, ao mesmo tempo em que se reflete; desse modo, é possível inferir a respeito da relação diretamente proporcional da presença de rasuras, entendidas como reflexões metalinguísticas ou epilinguísticas, com o nível de reflexividade que o enunciador demonstra ou não deter. Ao partir desse pressuposto, passa-se a considerar que quanto maior for a existência de rasuras, mais o indivíduo refletiu sobre a atividade que exercia. No caso de textos escritos, a análise dá conta de mostrar essa reflexividade ao tomar como objeto de estudo os eventos metalinguísticos presentes no processo de escrita, esses se alçam graficamente através das rasuras perceptíveis, porém, em processos de escrita colaborativa as

reflexões sobre o exercício de produção textual, sejam elas quais forem, são mais estimuladas pela necessidade do estabelecimento de diálogo, tal fator torna audível os processos cognitivos que precedem uma rasura ortográfica, por exemplo. Ademais, a argumentação feita pela oralidade e possivelmente motivada pela etapa de combinação (*planning*) leva a rasura à percepção no âmbito processual, ou seja, o fenômeno de rasura oral só acontece, pois é oriunda de uma situação que obriga aos escreventes a enunciarem suas reflexões.

2.1 A RASURA: VESTÍGIOS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO.

Aristóteles, ao falar sobre a poética infere que o poeta trabalha para construir seu produto, isso implica em dizer que a construção de um texto é feita de maneira semelhante à produção de um objeto artesanal, a escrita também é construída através de processos que moldam, esculpem, desfazem e refazem o texto. Assim, as rasuras são as aparas que constituem os resíduos deixados pelo trabalho, elas dão aos produtos as suas proporções e a harmonia geral (BIASI, 1996). Apesar de se tratar de um acontecimento natural durante a escrita, a rasura tem seu valor geralmente atribuído ao fracasso no emprego da língua, ao erro que evidencia a incapacidade de dominar a gramática-normativa, mas, ao ser entendida como um instrumento fundamental para escrever, a rasura adquire um valor simbólico para os próprios autores.

O escritor francês Gustave Flaubert tinha uma relação estética com a rasura em seus manuscritos, ao analisar essa relação o teórico Roland Barthes (1971) afirma: "O signo do fracasso também é o lugar da fantasia", assim observa-se que rasurar faz parte do processo criativo do qual brotam as grandes ideias.

"A escrita só é construída se desconstruindo" (BIASI, 1996. pág.6). Diferente da ideia comumente associada ao erro, Biasi (1996) contrapõe que a rasura não é um acidente da escrita, se trata do vestígio da energia, da liberdade de quem escreve. Destaca que através dela se revela o tempo de reflexão, a possibilidade de contradição. Em um manuscrito, podem existir rasuras invisíveis, já que o escrevente pode optar por não macular suas páginas com correções e notas reflexivas, entretanto, o trabalho de escrita colaborativa elucida esses traços invisíveis no manuscrito. Como vestígio dos processos que culminam em um texto, as rasuras revelam além das correções, os retornos ao texto, as reflexões feitas. Basicamente, a rasuras ocorrem com a finalidade de substituir, excluir ou transferir.

Entretanto, o percurso do ato de escrever não é linear, dessa forma, a rasura pode se modificar, pode ser feita após um retorno ao texto ou no mesmo momento da redação, e, identificar a sua real função a partir de um manuscrito é um trabalho minucioso cujo objetivo talvez não seja alçado fielmente. Mas, em um processo de escrita colaborativa no qual o processo de criação e produção da díade é gravado se tem acesso aos momentos exatos de exclusão, substituição, retorno, revisão etc. Apesar de percurso da criação de um texto não ocorrer linearmente, a rasura sempre pode ser observada, independentemente dos meios em que é produzida, mas, em um ambiente de escrita colaborativa a percepção é maior, pois, se tem acesso aos exatos momentos que fomentaram as reflexões que resultaram em rasuras.

A forma da rasura varia de acordo com o instrumento que o autor utiliza uma rasura produzida a lápis e papel é, esteticamente, diferente daquelas manifestadas em textos produzidos em softwares de digitação, porém, ainda que os ambientes de produção sejam distintos os vestígios dos processos cognitivos realizados são visíveis através das rasuras existentes. Assim, os instrumentos utilizados não limitam o autor em suas rasuras, pois essas são operações intelectuais antes de serem vistas no manuscrito, se trata das reflexões do escrevente sobre o que ele escreve e essa atividade metalinguística ocorre sem depender dos materiais usados para escrever.

Dessa forma, se a rasura começa como uma atividade intelectual a ideia de rasura oral é cabível e real, pois a reflexão metalinguística acontece e se manifesta dentro dos instrumentos utilizados na criação do texto, que no caso de uma escrita colaborativa incluem a oralidade e o diálogo ao papel e a caneta. Então, como o material usado para criar um texto não limita a eclosão de rasuras, as evidências reflexivas aparentes em um processo de escrita colaborativa têm o valor de rasuras justamente por se tratarem de indicativos da criação daquele texto mesmo que sejam expressos através da oralidade, por exemplo.

Assim, ao constatar a rasura como processo inerente à escrita, não limitada pelo instrumento adotado para fazê-la e associada ao fenômeno observado por Calil (2017, p. 163) chamado de "rasura oral" foi considerada rasura os pontos do diálogo em que a dupla discute, articula, avalia e retifica seu texto, ainda que não resulte em uma rasura inscrita no manuscrito os momentos em que a díade entra em discordância sobre algum elemento revelam a existência de reflexões a respeito da língua e do processo de gênese textual e, isso é, de fato, rasurar. Segundo Calil (2008, pág.53): [...] a rasura escrita, apesar de marcar a reflexividade e a opacidade do dizer, não traz a explicitação de um comentário em “um ato único de enunciação”, característica que pode se manifestar diferentemente em uma rasura oral [...].”

Diante disso, segundo Authier-Revuz (2004) uma forma metaenunciativa possui três características fundamentais: deve se referir a um termo antecedente ou precedente, apresentar formas reflexivas (glosa única a respeito das reflexões que caracterizam uma forma metaenunciativa) e formas opacificantes. Tais formas reflexivas não são captadas nas rasuras escritas, mas, nas rasuras orais essas formas são os principais meios de reconhecimento e classificação de um ponto de tensão como, de fato, uma rasura oral.

Não obstante, assim como os instrumentos e as finalidades da rasura variam, o conteúdo sobre o qual ela é produzida também varia, ou seja, uma rasura que foi fruto de uma discussão sobre a ortografia de uma palavra não é igual à outra que veio de uma reflexão sobre acréscimo ou exclusão de acontecimento da história, as situações são consideradas rasuras, entretanto, é possível classificá-las em grupos distintos de acordo com a natureza de cada uma. Visto que os comentários feitos durante uma rasura oral demonstram as preocupações que os educandos têm sobre os termos que retornam, a exclusão de um termo pode ser motivada por uma preocupação quanto à ortografia ou também por questões semânticas, sintáticas, textuais. Sendo assim, através da percepção e análise dos comentários feitos é perceptível qual problemática a rasura oral feita busca solução, e por meio dessa percepção classificam-se as rasuras que têm as mesmas motivações: semânticas, sintáticas, ortográficas, textuais, etc. As rasuras orais analisadas na pesquisa foram quantificadas segundo esses critérios.

Dessa forma, ao considerar que dentro de um processo de escrita colaborativa existem formas metaenunciativas que retomam a reflexão a respeito de um termo antecedente, um comentário sobre essas reflexões juntamente de formas opacificantes, a análise de processos desse tipo precisa ser feita considerando a existência dessas formas, classificadas como rasuras orais.

3 METODOLOGIA

A pesquisa objetivou comparar textos produzidos por uma mesma dupla, um cujas etapas da consiga são cumpridas, mais precisamente a etapa reservada a combinação do que será escrito posteriormente, e outro cuja dupla burla o momento no qual deveriam discutir e

decidir os elementos a serem postos no texto, a fim de observar a quantidade de rasuras manifestadas em cada caso.

Os dados foram extraídos do corpus coletado através de um projeto realizado durante três meses no ano de 2012 em uma escola particular localizada em Maceió-AL. Com o título de “Contos de como e por quê” o projeto didático levou duas turmas do 2º anos do ensino fundamental I, com alunos na faixa etária de 7 a 8 anos, a produzirem trezes textos, sendo dois individuais (o primeiro e o último), um coletivo e dez em dupla.

Na fase inicial, o projeto consistiu na leitura e interpretação de alguns contos durante as aulas de língua portuguesa, em seguida, foi pedido que escrevessem contos de origem, primeiro individualmente e, posteriormente em pares por critério de afinidade, na etapa. Inicialmente, a consigna foi lida, a professora deu orientações e os pesquisadores ao concluírem a montagem do equipamento saíram da sala. Na edição usada para tal pesquisa a própria díade discriminou as funções que cada componente assumiria aquele que seria o “escrevente”, que transcreve o aquilo que é dito e/ou acordado, e quem assumiria a função de “ditante”, responsável por lembrar o que foi acordado e, também, ler o que está sendo escrito.

A terceira etapa do processo, a combinação: é um tempo reservado para que os alunos dialoguem sobre o conteúdo de seus contos, esse é o momento em que devem esboçar a história, entretanto, por se tratar de jovens escreventes é comumente observado que em algumas produções as crianças burlam essa etapa e optem por desenvolver a história a medida que a escreve. Passado o tempo reservado ao diálogo combinatório, os papéis e as canetas foram entregues e a etapa da escrita se inicia. Todo o processo durou em média 60 minutos, ocorria semanalmente nas aulas de língua portuguesa, em ambiente natural, entretanto, imagem e áudio foram gravados e transcritos adiante como prescreve o Sistema Ramos. A imagem e o áudio sincronizados às imagens gravadas pela caneta permitem a observação da escrita enquanto ela se realiza, assim é possível captar a conversação durante a redação e a maioria dos processos feitos até o texto, tido como resultado. Através disso o estudo foi delineado, já que se percebeu que em determinadas propostas algumas díades não realizavam a etapa de combinação atendo-se apenas a fase de escrita, que era simultânea ao surgimento das ideias entre os parceiros.

A partir de tal percepção, fomentou-se o questionamento a respeito da manifestação das rasuras nos textos, dessa forma, foram selecionados dois dados e suas respectivas transcrições de uma única dupla de alunos, foi selecionado um dado no qual a díade realizou a etapa combinatória, em que foi possível comprovar com evidências, apresentadas a seguir, que de fato houve um acordo prévio, em contrapartida, houve a seleção de outro em que a dupla formula e escreve a história simultaneamente. Assim, foram contabilizadas as rasuras

orais reveladas nos processos selecionados e que foram confirmadas através das imagens e dos manuscritos. Os dados selecionados foram: “Como surgiu o ambiente e os animais?” (20/04/12) e “Por que a abelha faz mel?” (03/05/12) produzidos dentro do projeto de contos de “Como e por quê”.

A pesquisa deteve-se à quantificação das rasuras emergentes nos dois processos e na comparação do valor encontrado, o critério usado para a qualificação do trecho como rasura foi o adotado por Calil, o retorno ao que já tinha sido mencionado seja inscrito ou não, definido como “rasura oral comentada”. A presença de embates quanto o uso, ortografia, valor semântico ou lexical de um vocábulo ou segmento foi configurada como rasura e enquadrada em um subgrupo segundo a natureza dele.

Então, os segmentos conflitantes reconhecidos como rasuras foram contabilizados de acordo com o tipo de conversação feita, exemplo em um trecho no qual um componente, hipoteticamente, refutou o emprego de pontuação, ao ser configurado como rasura esse trecho foi identificado como “roc de pontuação”.

Neste estudo serão apresentados, a seguir, os resultados obtidos a partir da hipótese de que produtos de processos de escrita em que houve o acordo prévio a respeito do conteúdo a ser tratado na história teriam maior presença de rasuras. As análises quantitativas buscaram comprovar a veracidade ou não da hipótese adotada, através de comparação numérica exposta ao decorrer desta pesquisa. Além da análise quantitativa, a categorização das rasuras encontradas em subgrupos abarca a análise qualitativa por a partir da presença maior ou menor de cada subgrupo de rasura indicar uma maior ou menor reflexão linguística.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.

Durante a seleção de dados, no processo de leitura das transcrições uma dupla demonstrou diversos momentos de discordância e embates sobre inúmeras questões que circundam a produção do texto, desde quem ficaria responsável pela escrita até discussões sobre o conteúdo que abordariam na história. Apesar, de uma dupla se destacar é perceptível o mesmo comportamento em outras díades da mesma faixa etária e mesma etapa escolar, devido ao momento de desenvolvimento cognitivo, emocional e, principalmente, social que as crianças nessa faixa etária passam. Além disso, as relações interpessoais que são estabelecidas entre os alunos são subjetivas e distintas, e o tipo de relação que têm, ou seja, se têm afinidade, se interagem e conversam de forma homogênea, se existe uma relação de hierarquia entre os componentes da dupla, parecem ser determinantes para o processo de escrita

colaborativa por interferirem diretamente na forma como a díade dialoga para realizar o trabalho proposto.

Os dados selecionados foram: “Como surgiu o ambiente e os animais?” (20/04/12) e “Por que a abelha faz mel?” (03/05/12) produzidos dentro do projeto “Contos de com por quê”. No primeiro a dupla masculina produziu um texto com duas laudas e 16 linhas, com 6 rasuras inscritas. A díade aparentou ser escolhida por critério de uma boa interatividade nas aulas, já que demonstraram compreensivos com a função que cada um teria naquela atividade, por exemplo, o ditante I concordou com o fato de a professora escolher o seu parceiro C para a função de “escrevente”. Entretanto, durante a produção o componente I manifestou-se distraído em vários momentos, além de expressar que entendia que havia uma hierarquia na atividade na qual o escrevente possuía maior poder de decisão em relação ao ditante.

Nesse processo analisado observou-se a existência de combinação, ainda que raro para a dupla referida, o momento em que os alunos combinam e acordam o que tratarão no texto ocorreu parte durante a distribuição das folhas e parte após escreverem o nome. Geralmente, em outros processos de escritas analisados a distribuição das folhas e canetas acontece após um tempo reservado apenas para a etapa de *planning*, mas, nos processos escolhidos a combinação ocorreu previamente à escrita, porém, sem um tempo definido.

A ocorrência da combinação foi observada através de turnos de diálogos estabelecidos pela díade, nos quais a dupla acorda sobre o tema a ser tratado na história, os elementos a serem acrescentado, discutem as ideias dos dois componentes, aceitam ou descartam algumas dessas, assim como no trecho:

C: - gostou dessa? Co-como... é... surgiu os animais?

I: - (Retomando o título que havia proposto antes.) Como surgiu os ambientes. Como surgiu os ambientes.

C: Que tal... os ambientes e os animais?

I: (Concordando.) Isso, como surgiu os ambientes e os animais”

Os dois opinam e refletem juntos sobre qual tema e como o abordarão, é frequente o aparecimento de expressões como “gostou da ideia? “, “vamos fazer a sua ideia, entendeu? “, além da recorrente argumentação a que se utilizam para que seus pensamentos sejam aceitos pelo outro, há, também, por parte de ambos, um retorno habitual ao acordado anteriormente, como por exemplo:

C: Vo-vo-você se lembra que você queria o ambiente natural e construído?

I: Ah, é mesmo.”.

Por outro lado, foi perceptível uma atenuante diferença no nível de letramento apresentado pela díade, o componente C (escrevente) foi o responsável pela maioria das

rasuras orais produzidas ao longo do processo. Em determinados pontos de tensão existe um espécie de desentendimentos entre a dupla, ambos não se referem ao mesmo assunto. Além disso, o escrevente apresenta uma memória de trabalho bastante aguçada, se mostra capaz de planejar, antecipar e revisar, e, isso se trata de um fenômeno raro entre jovens escreventes justamente pelo nível de letramento que possuem.

Assim, durante o processo algumas rasuras orais foram observadas como indicativos de um nível de letramento e reflexividade maior por parte de um componente da díade em relação ao outro. Por exemplo, ao refletir sobre os elementos a serem incorporados na narrativa, o componente C fala a palavra “ maltratavam” e chega a conclusão que a palavra resume tudo o que gostaria de dizer:

*C: (Fazendo o gesto de afastar as palmas das mãos, e em seguida, aproximando-as.)
Aí tem uma palavra que resume tudo isso, é maltratavam. (Silabando, repetindo com dificuldade.) mal-tra-tra-vam.*

Segundo Authier-Revuz (1998), o turno de diálogo expresso exemplifica uma “não coincidência entre as palavras e as coisas” que ocorre quando um termo resume, sintetiza tudo já dito anteriormente. Além do turno se tratar de uma rasura oral semântica, ou seja, uma rasura cujo conteúdo trata a respeito do sentido da palavra, o aparecimento de reflexões desse tipo apontam um nível de letramento bem maior, pois a relação entre tais reflexões e o nível de conhecimento linguístico é diretamente proporcional.

Logo, foram observadas 33 rasuras no processo de escritura em que a díade realizou a combinação. Foi observado que o conteúdo dessas rasuras se tratava de reflexões sobre a ortografia, sobre elementos narrativos a serem inseridos ou não no texto, pontuação, semântica, organização do texto no espaço gráfico (extensão de uma palavra ou frase, separação ou não de um termo, etc.). A maioria das rasuras produzidas foi classificada como textuais, por tratarem de elementos narrativos, por exemplo, no turno de diálogo a seguir C se refere ao título da história, mas, I entende que a conversa é sobre o começo da história, para C a história tem dois elementos centrais:

“I: (Retomando o título que havia proposto antes.) Como surgiu os ambientes. Como surgiu os ambientes.

C: (C olhando para I, fazendo uma breve pausa e propondo outro título.) Que tal... os ambientes e os animais?

I: (Concordando.) Isso, como surgiu os ambientes e os animais?

C: *(Escrevendo.) Como [como]...*

I: *(C escrevendo [surgiu].) Mas primeiro quem vai começar a existir... vai ser os animais.*

C: *(Parando de escrever.) Não, I. Primeiro va-vamos começar pelos dois. (Mostrando os dois dedos - indicador e médio- para destacar a quantidade.) Ó vo-você vai ver a minha... a minha ideia do começo. (Retomando a escritura e lendo “como surgiu”.) Como surgiu... o ambiente [o ambiente]...”*

O primeiro enunciado de C (*Primeiro va-vamos começar pelos dois*) refere-se que no título devem estar presentes os dois elementos principais do texto, já o segundo enunciado (*vo-você vai ver a minha... a minha ideia do começo*) anuncia que ele após escrever o título falará sobre o que planeja. Portanto, o turno foi considerado uma rasura oral de cunho textual por discutir a respeito da presença dos dois elementos principais do texto no título, além desse foram reconhecidos diversos turnos de diálogo que apontavam reflexões sobre elementos diretamente textuais, como o acréscimo de um acontecimento a narrativo e toda a discordância que a sugestão originava. Sobre isso, um fato interessante percebido foi o fenômeno de que, em geral, as rasuras orais textuais produzidas eram oriundas de pontos de conflito em que um dos componentes da díade retomava um fato já combinado para argumentar ou relembrar o parceiro do acordo feito.

Ademais, a respeito dos outros tipos de rasuras verificados, é necessário dizer que as rasuras referentes à organização do texto no espaço também pode indicar a presença de nível de letramento maior por parte do escrevente C já indica uma reflexão mais aprofundada a respeito do processo de escrita. Um dos momentos considerados rasura oral sobre a organização textual no espaço gráfico se tratou de uma autorreflexão sobre a extensão do título da história, o escrevente parece avaliar a extensão que o incomoda, mas, opta por não alterar o título:

C: *(Lendo.) Como surgiu o ambiente:: (Dando continuidade a escrita do título e pronunciado “e os animais” de forma silábica, dando ênfase maior à 2ª vogal “a” da palavra “animais”) e... os... a... ni... maaais [e os animais]. (I aproximando de C para ver o título escrito, C referindo-se ao título da história.) É grande esse nome na história, mas tudo bem ... [...]*

Esse tipo de comentário dificilmente seria expresso oralmente se o trabalho de escrita fosse individual, entretanto, por se tratar de um processo de escrita colaborativa faz-se necessário o compartilhamento de pensamentos como esse para o parceiro, pois, existe uma

necessidade de aprovação ou reprovação sobre o que cada componente da díade reflete a respeito do texto que escrevem em conjunto. Além dos momentos de rasuras citados, existe mais um momento em que é possível perceber uma reflexão distinta considerando a idade e a série cursada pela díade, C ao usar o termo “o homem” reflete e explica para I a semântica que envolve o sintagma:

C: (Sobrepondo a fala de Igor.) Porque o homem... quer dizer... o homem e a mulher, mas só que:: falando assim em todos se fala o homem, entendeu ? .

Esse turno aponta uma reflexão semântica pouco comum vinda de crianças, principalmente na faixa etária entre 6 e 7 anos, dessa forma reflexões desse tipo apontam um desenvolvimento distinto entre os componentes da díade. Além desse ponto observado, a díade dialoga sobre o texto que produziram abordar duas matérias: ciências e português.

De fato, a noção sobre intertextualidade expressa pela díade é claramente espontânea e oriunda de uma abordagem didática que possivelmente enfatize a relação existente entre diversas áreas de conhecimento que não são estudadas ou ensinadas separadamente, mas, sempre em conjunto, assim como estabeleceu a Base Nacional Comum Curricular (2015) para os anos iniciais, já que um dos objetivos gerais do componente de Língua Portuguesa trata-se de “estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade”.

Portanto, o dado analisado em que houve combinação mostrou que o que foi acordado anteriormente a escrita tende a ser retomado pela díade durante a fase de escritura do texto, e esses momentos geram discussões que, por sua vez, originam rasuras orais e escritas. Entretanto, o dado também apontou que o nível de conhecimento linguístico dos componentes da díade, o interesse em realizar a atividade e o tipo de diálogo que estabelecem durante a produção interfere no aparecimento desses momentos de tensão que originam rasuras.

Assim, outro dado da mesma díade foi analisado, nesse processo ficou evidente que o acordo prévio feito entre os dois tratou-se de desenvolver a história enquanto escreviam. Cada componente da díade já tinha uma ideia de tema para a história, durante a fase reservada à combinação a díade não conseguiu entrar em acordo sobre o tema, C queria escrever sobre o porquê das abelhas fazerem mel e I sobre o motivo dos dragões soltarem fogo, durante todo o diálogo cada componente da díade argumentou em defesa da sua ideia, entretanto, não chegaram a um consenso e optaram por escolher o tema através de um jogo de sorte, uma brincadeira infantil chamada “ímpar ou par”, C ganhou e definiu o tema, mas, o tempo para a combinação já tinha terminado e os elementos narrativos da história não foram acordados entre os dois.

C: [...] Ganhei já, você até quis, eu já eu já... Igor, a gen gente já não fez ímpar par?

I: (Lastimando.) Haramram. Tá! Por que a abelha faz mel, mas na próxima vai ser o arco-íris.

C: Tá bom! É assim mesmo. (Professora aproximando-se da díade, olhando para a professora.) Já pensamos.

PROFESSORA: Já?

C: Já.

PROFESSORA: Já tem os personagens da história?

C: Não, mas vamos pensando na história.

PROFESSORA: Ah, bom.”.

Nesse processo de escrita a díade produziu o texto “Porque a abelha faz mel?” com uma lauda e 15 linhas. Em contrapartida, no dado em que não ocorreu acordo ocorreram 15 rasuras orais e 3 rasuras inscritas no manuscrito. Análise desse dado permitiu a observação de que como a díade não entrou em consenso sobre o tema e “disputou” para que conseguissem defini-lo gerou entre os componentes uma hierarquia no poder de decisão, ou seja, o componente cujo tema não foi o escolhido acabou cedendo o poder de decisão para aquele que teve a ideia aceita. Assim, após a definição do tema o componente I apresentou um desinteresse em participar mais ativamente da produção por assumir que seu companheiro seria mais responsável por “saber” mais sobre o tema, por isso aceitou sem argumentar ou sugerir outras opções a maioria das ideias propostas por C.

Esse comportamento mais passivo assumido por I pareceu afetar diretamente nos momentos de tensão que, geralmente, acontecem ao produzir um texto colaborativamente, além disso, se associado ao fato de que não havia uma combinação mais detalhada sobre os elementos tratados na história esses momentos de tensões não poderiam ocorrer, pois não havia nenhum referencial a ser retomado. A dinâmica de produção apresentada durante o processo de escritura em que I e C não realizaram a etapa de combinação mostrou-se muito semelhante à dinâmica que acontece em um processo de escrita individual, devido a pouca interferência de um componente da dupla a história foi construída por uma das partes já a outra não se opôs ou sugeriu. O fato comprobatório dessas afirmações é expresso pelo único turno de diálogo em que há discordância entre a díade:

PROFESSORA: (Percebendo a dispersão de I, no instante em que o menino conversa com a pesquisadora.) I, você já sabe qual vai ser o seu, I? Já sabe C?

C: Hum?

PROFESSORA: Você pensa em fazer assim... Por que:: será?

C: Ah, é.

I: (Falando o tema de sua história.) Por que... ▽

C: (Falando no mesmo instante que I.) Já, hã? Já pensei, pensei.

I: Por que o dragão solta fogo.

C: (Discordando do tema de I e sugerindo um novo tema.) Eu pensei por que a abelha faz mel.

PROFESSORA: É mai... (Reformulando.) é interessante, C. Aí você conversa com I pra ver por que será que ela fa:: será que ela fazia mel antes.

I: (Discordando.) Não, C. Era pra fazer a história por que o dragão solta fogo.

C: Tava pensando por que a abelha faz mel.

I: (Discordando.) Tava pensando por que o dragão solta fogo.

É perceptível que o trecho apresenta uma discordância sobre o tema a ser tratado no texto, e, a partir dessa discordância surgiram rasuras com distintas finalidades, por exemplo:

I: (Discordando.) Não, C. Era pra fazer a história por que o dragão solta fogo.

Quando I rebate a sugestão da professora, ele produz uma rasura oral textual porque discute o tema que gostaria que fosse abordado e rejeita o citado anteriormente. Além dessa rasura, essa discordância sobre o tema fomentou o surgimento de rasuras com a finalidade de convencimento e fortalecimento das ideias que defendem, por exemplo, no turno de diálogo em que C afirma que outra díade já teria escolhido o tema sugerido por I:

C: Não, por favor, não. (Tentando convencer I.) Eeee eu acho que alguém já vai fazer, ó:: (Apontando para os colegas na frente.) porque já pensaram, se lembra? Por isso, aí vai copiar? (Referindo-se a díade L e Y)

Ambas as rasuras são consequências da tensão gerada pela discordância a respeito da temática, ao insistirem em suas ideias os alunos acabaram refletindo sobre o texto em diversos níveis e, também, acabaram buscando elementos para fortalecer seus argumentos a fim de que sua ideia fosse escolhida. Entretanto, as rasuras produzidas após a escolha do tema são feitas em sua maioria por C que reflete em questões lexicais, sobre pontuação e ortografia.

Outro fato observado que aparenta ter interferência do decurso da escrita entre a díade se dá devido ao tempo gasto na fase de inscrição. No dado em que a etapa combinatória foi realizada foi observado que a díade terminou a inscrição do texto em 39 minutos, entretanto

realizou a combinação entre 6:42 e 8:29 realizou o *planning*, já no dado em que a díade pulou essa etapa gastou mais ou menos 4 minutos na discussão a respeito do tema e não conseguiu combinar nenhum elemento narrativo referente ao texto e finalizou a etapa de inscrição aos 40 minutos. Apesar do tempo gasto nos dois processos ser semelhante, o fato observado indica a hipótese de que quando a díade não cumpre a etapa de combinação tende a gastar mais tempo na etapa de inscrição pois infere-se que haja mais pausas para a formulação do texto já que não estabeleceram o esboço da história previamente.

Além disso, no dado em que não cumpriram a fase de *planning*, a díade realizou a etapa de revisão, após finalizarem a escrita do texto I e C leem o que escreveram e escrevem o título.

Contudo, nesse dado (sem combinação) um aspecto observado foi o fato de I, assim como no dado anterior, considerar que C é mais adequado para desempenhar a função de escrevente, o que reforça a ideia de que para I existe uma espécie de desnivelamento entre os dois em relação ao conhecimento. Esse fato ocorre por C demonstrar domínio e entendimento da língua em alguns momentos além de assumir uma postura mais incisiva para tomar decisões, argumentar e organizar a atividade.

Assim, ainda que I expresse vontade de assumir a função de escrevente, cede para que C a exerça, tal comportamento por um lado expressa uma cordialidade que pode contribuir de maneira positiva para o trabalho de escrita colaborativa, entretanto, ao ceder, I demonstrou certo desinteresse na atividade, se distraiu em diversos momentos e C foi o responsável por decidir a grande dos elementos da história, não apenas por ser o escrevente, mas também porque a sua sugestão de tema foi a escolhida.

Por fim, ao comparar a quantidade de rasuras existentes nos dois dados, foi possível perceber uma diferença no número de rasuras: O dado 1 (em que houve combinação) apresentou 33 rasuras orais, enquanto, o dado 2 (sem combinação) expressou 15 rasuras orais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos dados foi confirmada a hipótese de que em processos de escrita colaborativa em que os componentes realizam a etapa de combinação (*planning*) a quantidade de rasuras é maior do que em processos nos quais não há combinação. Segundo a quantificação feita, o dado em que a díade combinou a história apresentou, em média, 45% de rasuras a mais do que o dado sem combinação.

O fenômeno ocorreu, principalmente, devido à combinação dos elementos narrativos propiciarem discussões e conflitos que estimulam a reflexão da díade, como esses elementos são as diretrizes acordadas para a construção do texto, instintivamente a díade tende a segui-los, assim, se caso aja a proposta de retirada de um desses acordos ou o acréscimo de alguma outra ideia durante a fase de inscrição as ideias já estabelecidas são retomadas, reafirmadas, discutidas ou substituídas pela díade e, esse processo implica em reflexões linguísticas que originam rasuras.

Porém, além da combinação outros fatores pareceram influenciar no aparecimento de rasuras durante os processos de escrita colaborativa, a relação entre o tipo de diálogo que a díade estabelece durante a atividade demonstrou ter significativa relevância para os pontos de tensão ou discordância que podem resultar em rasuras orais. Esses pontos de conflitos levam aos alunos a reunirem seus melhores argumentos a fim de persuadir o parceiro a aceitar suas ideias, então, se a díade consegue estabelecer uma comunicação na qual ambos têm o mesmo nível de relevância para a realização da atividade, o diálogo estabelecido é igualitário, pois os dois componentes têm o mesmo espaço para expressar suas ideias.

Entretanto, a díade analisada demonstrou um tipo de comunicação dificultosa, de modo geral, no dado 1 (dado com combinação) em alguns turnos de diálogo em que I questionava algum ponto do texto os alunos se referiam a objetos discursivos distintos, ou seja, falavam de questões diferentes, além disso, o fato de I se distrair e se abster das decisões em determinados momentos também foi observado.

Por considerar C mais apto, nos dois dados analisados I delega o poder de decisão para C, dessa forma o diálogo estabelecido entre eles não demonstrou posições iguais, mas sim, uma relação hierárquica entre as funções de escrevente e ditante. Esse fator pode ter influenciado o número de rasuras nos dados, mas, essa constatação deve ser comprovada por meio de outras análises com outros dados e outras díades.

Além disso, foi perceptível que a ideia de hierarquia nas funções do trabalho de escrita colaborativa partiu do aluno I e que foi apontada desnível de conhecimento linguístico notado entre a díade, C demonstrou maior conhecimento linguístico ao expressar mais observações sobre atividade de escrita, ortografia, semântica, etc. Em contrapartida, a partir dessas observações surgiu a hipótese de que propor um trabalho de escrita colaborativa com uma díade composta por alunos com nível de conhecimento distinto pode contribuir positivamente para a aprendizagem e avanço dos alunos já que à medida que usam a língua para escrever, e, que as questões reflexivas naturais para uma escrita colaborativa vão surgindo os alunos vão compartilhando e apreendendo conhecimento, diferentemente, de um processo produzido individualmente.

Por fim, por meio da pesquisa realizada observou-se que há interferência da combinação no aparecimento de rasuras em processos de escrita colaborativa já que se constatou uma diferença significativa ao comparar os dados analisados, entretanto, a variável precisa ser averiguada em outros casos para que se confirme o acontecimento do fenômeno em situações diversas. Além disso, fatores, como nível de conhecimento, afinidade entre os componentes da díade, tipo de diálogo que estabelecem e disposição para a realização da atividade precisam ser levados em consideração, pois também podem interferir no desenvolvimento do processo de escrita e, conseqüentemente, no aparecimento de rasuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIHAUD, Emilie. *Les retours sur le texte, traces des processus rédactionnels*.1 Laboratoire Dynamique du Langage, UMR 5596 (Université Lyon 2 – CNRS), 2017.
- APOTHÉLOZ, D. *Référencer sans expression référentielle: gestion de la référence et opérations de reformulation dans des séquences métalinguistiques produites dans une tâche de rédaction conversationnelle*. In: Enikö N. (Ed.). *Pragmatics in 2000: Selected papers from the 7th International Pragmatics Conference*, v. 2. Antwerp: International Pragmatics Association, 2001. p. 30-38.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004. _____. *Retórica*.
- AUTHIER, Jacqueline Revuz. *Le discours rapporté dans tous ses états*, Bruxelas, 8-11 novembro de 2001. Publicado em “ *Le discours rapporté dans tous ses états* ”, J.M. Lopez Munoz, S. Marnette e L. Rosier (eds.), L’Harmattan, 2004, p. 35-53.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1991.
- BIASI, P, de. *Manuscrits- La critique génétique*. Paris; Enciclopadia Universails, 2012.
- BOUCHARD, Robert. *Metálangages, activité métalangagière et production écrite*.in *Link*, nº 37, 1997. p.97-106.
- CALIL, Eduardo., Myhil, Debra. *Dialogue, erasure and spontaneous comments during textual composition: What students’ metalinguistic talk reveals about newly-literate writers’ understanding of revision*. Publicado em: *Linguistic and Education* 60, 2020.
- CALIL, E. *Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula*. São Paulo: Editora da Unesp, 2008a.
- CALIL, E. *Sistema Ramos: Método para captura multimodal de processos de escritura a dois no tempo e no espaço real da sala de aula/ Ramos System: Method for multimodal capture of writing processes by two students in real time and space of the classroom*. In: *Revista Bakhtiniana*. Alagoas: Ufal, 2018.
- DAIUTE, C.; DALTON, B. *Collaboration between children learning to write: can novices be masters?* *Cognition and Instruction*, Mahwah, v.10, p.281-333, 1993.
- DE GAULMYN, M.-M. *La rédaction conversationnelle: parler pour écrire*. *Le Français Aujourd’hui*, 108, 1994.
- CAMPS, A., RIBAS, T., GUASCH, O. & MILIAN, M. *Metalinguistic Activity: the link between writing and learning to write* In : Camps, A., & Milian, M. (1999).
- FELIPETO, C. *Escrita colaborativa e individual em sala de aula: uma análise de textos escritos por alunos do ensino fundamental*. Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Faculdade de Letras, Alagoas - Maceió - Brasil. *Alfa*, São Paulo, v.63, n.1, p.133-152, 2019.
- GRÉSILLON, A. *Eléments de Critique Génétique: lire les manuscrits modernes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

- HAYES, J. R., & Flower, L. (1980). *Identifying the Organization of Writing Processes*. In L. Gregg & E. R. Steinberg (Eds.), *Cognitive processes in writing* (pp. 3–30). Hillsdale, NJ : Erlbaum.
- JODELET, Denise. *Returning to past features of Serge Moscovici's theory to feed the future*. *Papers on Social Representations*, 2011, 39.1-39.11.
- MOSCOVICI, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France (2nd ed., 1976).
- STORCH, N. *Are two heads better than one? Pair work and grammatical accuracy*. *System*, [S.l.], v.27, n.3, p.363-374, 1999.